

# A antropologia da imagem e a greve geral de 1917 em São Paulo: uma leitura da iconografia fotográfica da morte e a memória do operário José Martinez\*

*The anthropology of image and the 1917 general strike in São Paulo: a reading of the photographic iconography of death and the memory of worker José Martinez*

Eliane Cristina Furoni Vieira dos Santos\*\*

Lucia Maria Machado Bógus\*\*\*

Palavras-chave:  
Greve Geral 1917  
Fotografia  
Imagem

Resumo: Este artigo traz a proposta de análise das imagens (fotografias) da Greve Geral de 1917, mais especificamente do cortejo fúnebre do imigrante espanhol José Iniguez Martinez, morto durante o movimento paredista em consequência da repressão empreendida pela Força Pública. Sob a ótica da Antropologia da Imagem, cuja teoria permite analisar essas fotografias e tentar compreender o que emerge dessa análise aprofundada, o artigo possibilita conhecer os “silêncios” que podem conter as composições fotográficas e, através dessa investigação, compreender o legado dessas imagens, considerando suas inscrições na memória social ao longo do tempo histórico.

Keywords:  
General Strike 1917  
Photography  
Image

Abstract: This article proposes an analysis of images (photographs) of the 1917 General Strike, more specifically of the funeral procession of Spanish immigrant José Iniguez Martinez, killed during the wall movement as a result of the repression carried out by the Public Force. From the perspective of Image Anthropology, whose theory allows us to analyze these photographs and try to understand what emerges from this in-depth analysis, the article makes it possible to understand the “silences” that may contain photographic compositions and, through this investigation, understand the legacy of these images, considering their inscriptions in social memory throughout historical time.

Recebido em 28 de setembro de 2024. Aprovado em 28 de novembro de 2024.

## Introdução

A Greve Geral de 1917 foi o marco das lutas sociais por melhores condições de vida e trabalho no início do século XX no Brasil. Iniciada em julho daquele ano no Cotonifício Crespi, indústria têxtil do bairro operário da Moóca na capital paulista,

alastrou-se rapidamente pelos demais bairros e adjacências, abarcando milhares de trabalhadores e trabalhadoras dos mais diversos setores laborais. Embora já tivessem ocorrido greves anteriores, a Greve de 1917 possuiu características importantes que a fizeram ser o símbolo da luta e surgimento da consciência da classe operária, ganhando seu papel

\* Este artigo é parte da discussão da temática da pesquisa de mestrado que se encontra em andamento, intitulada: “Uma Questão Social a ser Compreendida: a repressão policial na Greve Geral de 1917 e os seus mortos e desaparecidos”

\*\* Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. E-mail: [elianefuroni@gmail.com](mailto:elianefuroni@gmail.com).

\*\*\* Professora Doutora, titular do Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, atua nas áreas de Sociologia Urbana e Demografia, com ênfase em Política Pública e População. E-mail: [lbogus@pucsp.br](mailto:lbogus@pucsp.br); [lubogus@uol.com.br](mailto:lubogus@uol.com.br).

basilar no movimento operário brasileiro (Toledo, 2017). Ocorrida num momento de grave crise econômica e social no período da República Velha (1889-1930), somados ao contexto externo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), à alta dos preços dos gêneros de primeira necessidade e às precárias condições de trabalho e de vida do operariado, a greve foi a resposta ao resultado do sufocamento da população menos favorecida.

Esse “fórum de luta de classes” (Toledo, 2017, p. 501) fez da Greve Geral de 1917 um dos maiores combates à exploração da classe trabalhadora. Em termos de importância e significado dentro da construção imagética, o panorama que mais se destaca é a presença de milhares de trabalhadoras e trabalhadores “desenhando” uma multidão de pessoas pela capital paulista. A representação de uma classe social que surge e insurge procura trazer a dimensão dessa massa operária que ousou ocupar as ruas de uma cidade que lhes era sua (por direito), mas que não era apropriada para seu usufruto, a não ser para transitar de casa para o trabalho e vice-versa.

A intenção neste artigo é discutir a representação dessa classe trabalhadora através das análises das imagens escolhidas para este trabalho, referentes à Greve Geral de 1917, mais precisamente, perscrutando as fotografias do cortejo fúnebre do imigrante espanhol José Martinez, e o que tudo isso representou sob a ótica da construção imagética que a Antropologia da Imagem permite estudar; utilizando a ideia de uma linha temporal que vai desde como eram as condições de vida e trabalho antes do movimento grevista, passando pela morte e o cortejo fúnebre, até o legado, nos dias de hoje, da imagem de Martinez.

A interpretação de uma fotografia pode ter vários enfoques, como apenas admirar o objeto, a pessoa, a paisagem, etc fotografados, ou, como é proposto neste trabalho, realizar uma análise antropológica - a qual requer que se faça uma sintaxe da imagem fotográfica - considerando os sujeitos explícitos e implícitos, a intencionalidade, o contexto histórico, social e político da época em que a fotografia fora produzida. Como diz Geertz (2008, p. 13) “traçar a curva de um discurso social: fixá-lo numa forma inspecionável”. Essa “forma inspecionável” de analisarmos uma fotografia proporciona que o ato de “olhar” seja uma ação mais

cuidadosa, mais demorada, identificando pormenores que estão contidos na composição fotográfica, mas sobretudo, fazendo emergir situações que se encontram implícitas, escondidas ou quase imperceptíveis. Através de um pequeno objeto (um retrato, uma paisagem), é possível compreender aspectos antropológicos e construir uma história que se encontra subjacente à imagem observada. Clifford Geertz (2008, p. 17) diz que “somente pequenos vãos de raciocínio tendem a ser efetivos em antropologia”.

E, diante dessa abordagem antropológica, a “análise da fotografia” é transformada em “análise da imagem”. Na concepção antropológica de imagem, para entendimento da proposta deste trabalho, é trazida, também, a consideração de Hans Belting de que a imagem pode viver em uma figura, em um objeto, mas não vai se equiparar a eles. Ou seja, ela é produzida pelo ser humano que a constrói através de seus sentidos (tato e visão, por exemplo) de modo que “ela só faz sentido quando somos nós que a perguntamos, porque vivemos em corpos físicos” (Belting, 2005, p. 66).

Com isso, dentro dessa metodologia de análise, qual seja, a “forma inspecionável”, será feita a observação das fotografias icônicas da Greve Geral de 1917, considerando também, o papel historiográfico que essas fotografias possuem no sentido de que essas mesmas reproduções fotográficas são fontes históricas. O documento iconográfico, juntamente com outros documentos que dizem sobre ele pode ser um considerável aliado na interpretação de fatos históricos, sendo este uma fonte primária. O que emerge das fotografias pode ser uma ferramenta essencial de interpretação dos fatos que carregam genealogias e historicidades, sendo uma importante proposta de investigação (Kossoy, 2001; Schwarcz, 2014).

Assim, através deste artigo, propõe-se realizar a “leitura das imagens” da Greve de 1917 e observar os “pequenos silêncios” que podem conter as fotografias, com enfoque na ocorrência mais significativa desse movimento, que foi a morte do sapateiro espanhol José Martinez, vítima da repressão e que causou uma enorme comoção, fazendo com que a greve tomasse proporções inimagináveis e se tornasse, sobretudo, um símbolo de solidariedade entre a classe trabalhadora.

## A greve e a sua imagem

*O conhecimento das imagens, de sua origem, suas leis é uma das chaves de nosso tempo. (...) É o meio também de julgar o passado com olhos novos e pedir-lhe esclarecimentos condizentes com nossas preocupações presentes, refazendo uma vez mais a história à nossa medida, como é o direito e dever de cada geração. (FRANCASTEL, Pierre – A Realidade Figurativa)*

### O Cotonifício e os operários



**Figura 1 – Trabalhadores em frente ao Cotonifício Crespi**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

Esta fotografia foi tirada, provavelmente, em 1907. Ela mostra uma das mais importantes fábricas têxteis da década de 1910 na cidade de São Paulo. Trata-se do Cotonifício Crespi, que em 1917, foi palco do início dos movimentos grevistas.

Na Rua Visconde de Laguna, esquina com a Rua dos Trilhos, trabalhadoras e trabalhadores fixam seus olhares em direção ao aparelho fotográfico e uns até ensaiam uma pose. Chama a atenção a quantidade de crianças operárias e mulheres jovens, constatando-se a questão social vivida pela classe trabalhadora da época. Suas vestimentas denotam suas condições: as mulheres com vestidos e aventais de operárias e com os cabelos presos, bem ao estilo da época. Os homens vestem calças e camisas e alguns estão com casacos. Todos eles estão de chapéus. Talvez a qualidade dessas roupas não seja a mesma da confeccionada com os tecidos que produziam na fábrica. Seus semblantes carregam o

peso do trabalho extenuante e das longas jornadas diárias.

As crianças menores, algumas delas, prestam atenção ao seu entorno, enquanto que a maioria fita atentamente às prováveis orientações do fotógrafo. Os mais pequeninos formam a linha de frente desta composição fotográfica e estão

abraçados. As roupas das crianças reproduziam as roupas dos adultos: as meninas com vestidos e sapatos cujos modelos lembravam os utilizados pelas mulheres adultas e os meninos com roupas e chapéus, cujas vestimentas simulavam serem “pequenos homens”. A infância era-lhes roubada não apenas exercendo o ofício de operários, mas, também, em seus costumes. Naquele período, era muito comum empregar crianças nas fábricas, pois, seus corpos pequenos e ágeis facilitavam nos serviços de apoio à logística fabril. Entre os teares das indústrias, esses pequenos e pequenas alimentavam as máquinas com rolos de linhas e buscavam um ou outro material nas seções que necessitavam de reposições (por vezes se machucando nessa tarefa). Na lógica do mercado liberal da Velha República, a admissão de crianças como trabalhadores ajudava a baratear o custo da mão-de-obra e a desvalorizar os salários.

Através da representação iconográfica, como observa Boris Kossoy, é possível depreender (se realizado com olhar mais atento) o contexto social e político em que a fotografia está inserida, possibilitando compreender ideologias para além da estética dos personagens envolvidos na composição fotográfica:

(...) a representação fotográfica reflete e documenta em seu conteúdo não apenas uma estética inerente à sua expressão, mas também uma estética de vida ideologicamente preponderante num particular contexto social e geográfico, num momento preciso da história. (Kossoy, 2001, p. 133)

Continuando a análise da fotografia, nota-se na fachada da fábrica, acima do que parece ser uma grande janela, bem ao lado de um poste de energia, umas inscrições que pela qualidade do material fotográfico não estão bem nítidas, porém, a indicação do ano de 1897 salta aos olhos. Nas construções daquela época era comum ter a

anotação do ano em que as edificações foram construídas e neste caso do Cotonifício Crespi, o ano de 1897 é o ano de sua fundação. Abaixo

consta a inscrição “Regoli, Crespi & Cia” que era a razão social do Cotonifício. O industrial Rodolfo Crespi inicia o empreendimento em sociedade com seu sogro Pietro Regoli em 1897 (desfeita em 1904). Em 1917, a fábrica já se encontrava sob a direção única de Crespi.

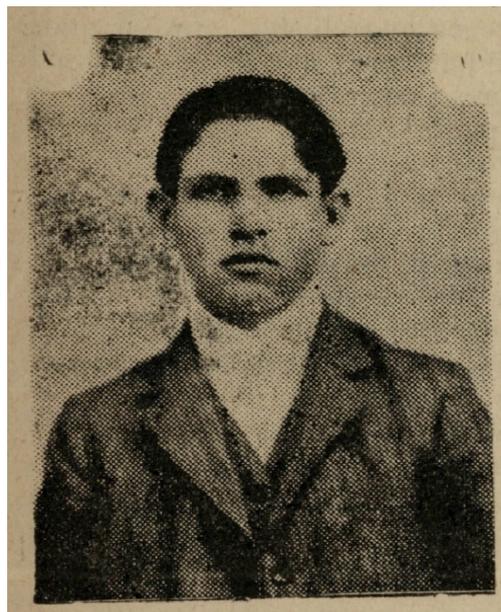
No canto esquerdo do retrato, é possível notar sob os pés de alguns garotos, os trilhos do bonde que circulava pelas ruas do bairro da Moóca. No entroncamento registrado na fotografia, fica a rua que recebeu o nome de “Rua dos Trilhos”, cuja nomenclatura permanece até os dias atuais. Na visão da lateral da fábrica, no lado esquerdo da foto, ao longo das grandes janelas, aparecem algumas pessoas que encontraram uma melhor maneira de sair no registro fotográfico, possivelmente, por conta da aglomeração dos demais trabalhadores. Por toda a extensão da edificação (nas duas laterais do Cotonifício) é possível notar a composição arquitetônica com frontões e grandes janelas, o que denotava a imponência das indústrias no início do século XX.

Este registro fotográfico eternizou a característica dos trabalhadores que, dez anos depois, dariam início à jornada de luta, que ocorreria ao longo do mês de julho até meados de agosto de 1917. A inscrição imagética que ficaria para a posteridade merecia aqueles minutos de atenção dos futuros agentes da Greve. A fotografia permitiu dar visibilidade àqueles sujeitos e sujeitas que eram considerados invisíveis e até indesejáveis para a sociedade burguesa industrial que apenas os considerava como mão-de-obra explorável. A imagem construída de significados disse mais deles do que fora captado pela lente. Em outras palavras, foi possível extrair uma nova leitura para além daquela que a fotografia revelou, ou conforme ensina Boris Kossoy (2001, p.96): poder fazer “uma incursão em profundidade na cena representada”.

## O mártir representado nas imagens

*Toda fotografia é um resíduo do passado.  
(KOSSOY, Boris - Fotografia e História)*

### *O jovem Martinez*



**Figura 2 – O retrato de José Martinez**

Fonte: Jornal a Plebe (21/07/1917) Ano I - Ed Nº 6, p. 4

Espanhol, 21 anos, sapateiro de profissão e membro do Grupo Jovens Incansáveis de orientação anarquista. Esse era José Iniguez Martinez.

Martinez, como ficou conhecido, chegou ao Brasil, juntamente com sua família, no início do ano de 1917. Vindos da Argentina, estabeleceram-se na Rua Caetano Pinto, na casa de número 91, no bairro operário do Brás. Talvez este retrato tenha sido feito para a documentação da imigração. Com os olhos voltados para o horizonte, esse rapaz poderia estar pensando no futuro que seria concebido num país diferente do seu. Esta fotografia foi publicada nos jornais e revistas durante o movimento grevista de 1917.

Esta fotografia passou por uma técnica chamada de “*half-tone*”<sup>1</sup> (meio tom). A imagem reticulada era resultado desse processo para reprodução em jornais e revistas. Embora não apresentasse nitidez, era o método mais econômico para publicação em jornais de baixo custo.

No dia 09 de julho de 1917 acontece um enfrentamento na porta da Fábrica Mariângela, de propriedade do industrial Francisco Matarazzo. Operários e soldados da Força Pública entram em confronto seguido de tiroteio. No meio do alvoroço, Martinez é ferido gravemente por uma bala de revólver. Atendido ali mesmo, na Rua Monsenhor

Andrade, no bairro do Brás, o jovem é encaminhado à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Na manhã do dia 10 de julho, às 09:30h, José Martinez, com ferimentos graves na região do tórax e abdômen, não resiste e falece. De acordo com informações veiculadas nos noticiários da época, seu irmão, inconformado com o acontecido, dirige-se ao prédio da Polícia Central e começa a gritar impróprios aos policiais numa atitude desesperada, possivelmente tentando procurar os culpados pelo ocorrido. Os jornais noticiaram amplamente o ocorrido.

Após a divulgação de seu falecimento, muitos operários e operárias se reuniram no Salão Almeida Garrett, na região central do bairro do Brás, para discutirem sobre os acontecimentos. Naquele momento, decidem divulgar boletins para convocar os trabalhadores e trabalhadoras a estarem presente no funeral de José Martinez e a protestar contra as violências da polícia.

O retrato do jovem ficou impresso por dias nas colunas dos noticiários da Greve, circulando em São Paulo e em outros estados do país. Deixou marcado o olhar do rapaz sério, de roupa elegante, postura distinta, que permaneceu além do tempo e transformou a imagem em “memória cristalizada”, como diz Boris Kossoy (2001, p. 152), fazendo daquela fotografia uma fonte de recordação e emoção. Um fragmento que se destacou da descontinuidade da vida.

### *A solidariedade*



**Figura 3 – A multidão se dirige ao Brás**

Fonte: Revista “A Cigarra (26/07/1917) Ano IV - Ed Nº 71, p. 12

Nessa foto, constata-se milhares de pessoas que descem a Ladeira do Carmo, na região central de São Paulo, a caminho do bairro operário do Brás. A convocação para o funeral de Martinez mobiliza a população e transforma o movimento grevista, também, em movimento de solidariedade, fazendo com que muitos trabalhadores decidissem aderir à greve. A morte do jovem operário causou uma enorme comoção.

Neste registro é possível verificar que uma grande quantidade de pessoas tomou toda a extensão da rua. Logo de início, percebe-se muitas crianças e rapazes; passando mais os olhos pela fotografia, nota-se as bandeiras anarquistas no meio da multidão. Ao longo da ladeira, na lateral direita, verifica-se as construções da década de 1910. Ainda no canto direito da imagem, há o que parece ser um toldo meio caído (uma figura imprecisa para ser descrita). No canto esquerdo da fotografia identifica-se uns rapazes e um garoto que está à frente deles, num local que parece ser a igreja da Ordem Terceira do Carmo<sup>2</sup>. Os olhos atentos dos retratados se faz presente. A fotografia foi realizada para a revista “A Cigarra”<sup>3</sup>. O periódico quinzenal que tratava de questões do cotidiano (variedades) e com um editorial que atraía a elite paulistana do início do século XX, estampou em suas páginas, naquelas semanas de julho de 1917, a questão dos trabalhadores que protagonizavam sua luta pelas ruas de São Paulo.

A câmera fotográfica estava estacionada no patamar em frente à igreja. O trecho em questão é hoje a Rangel Pestana (antiga Ladeira do Carmo), uma movimentada avenida que conecta o Brás ao centro velho da capital paulista. Quem a produziu tomou o cuidado de se posicionar de um local onde pudesse ter uma melhor visão daquela multidão que caminhava lentamente, como numa procissão. Não se sabe quantos registros foram feitos desse evento, mas fica claro, por exemplo, que o fotógrafo esperou as bandeiras estarem num local representativo da imagem, já que, aparentemente, haviam apenas essas duas. Isso demonstra que quem fotografou tinha interesse de realçar a questão político-ideológica envolvida no ato. Os jornais do país, especialmente os de visão burguesa, insistiam que embora a greve fosse um direito justo e sensato, os anarquistas eram elementos perniciosos para o convívio em sociedade

e que eram os responsáveis pelos atos violentos no transcorrer da greve. Segundo essa visão, a polícia agiu com emprego da força em resposta à ação violenta dos militantes grevistas.

De qualquer forma, a imagem produzida, captada nesse fragmento de fotografia, traduziu a grandiosidade do que foi aquele movimento de 1917. Imagens são linguagens construídas por meio de nossos sentidos, e que tem significados sociais e políticos. Talvez esses trabalhadores e trabalhadoras não soubessem, mas naquele momento estavam exercendo esses papéis (sociais e políticos). Seus corpos eram as suas armas na interface desse levante.

### *O velório*



**Figura 4 – O caixão de Martinez**

Fonte: Biblioteca Terra Livre

A multidão convocada aglomera-se e busca ajeitar o féretro e sua coroa de flores com cadeiras para sustentá-lo. Quem sabe essa composição fora exigência do próprio fotógrafo para um melhor enquadramento, ou talvez, para demonstrar a intencionalidade da fotografia: o semicírculo formado pelas pessoas e o caixão centralizado, os rostos atentos para o registro, as pessoas com os chapéus em mãos (num claro sinal de respeito) e a exibição dos símbolos como as bandeiras. O fato é que na manhã fria e chuvosa de 12 de julho de 1917, uma quinta-feira, o caixão com o corpo de José Martinez é velado por parentes, amigos e operários solidários ao movimento.

Verifica-se que o caixão é confeccionado de madeira simples, sem ornamentos, talvez de cor preta, com uma lista de coloração clara que envolve

suas laterais<sup>5</sup>. Aquele era um funeral completamente diferente dos funerais dos industriais da época: com carros acompanhando, centenas de coroas de flores e o povo, literalmente, à margem do evento. As celebrações fúnebres<sup>6</sup> do empresário do ramo varejista e têxtil, o libanês Nami Jafet (1860-1923), é exemplo disso. Ao invés de simples registros fotográficos, seu funeral foi inteiramente filmado (o recurso filmográfico era extremamente caro naquele tempo), mostrando desde seu casarão onde ocorreu o velório, passando pelo cortejo conduzido por carros, até a chegada e sepultamento no Cemitério da Consolação.

Dando seguimento à leitura da imagem, no canto esquerdo da fotografia nota-se que há uma mulher quase que coberta por uma bandeira; outra mulher é possível ser identificada segurando um estandarte do lado direito do caixão; um homem segura o outro estandarte, do lado esquerdo. Dois rapazes do lado direito da fotografia não estavam atentos ao clique do fotógrafo: nota-se seus rostos virados para o lado contrário e um deles está sorrindo. O motivo do sorriso é desconhecido.

As pessoas deste retrato eram, possivelmente, imigrantes em sua maioria. Faziam parte dos Comitês das Ligas Operárias e estavam ali não apenas para prestar as condolências aos familiares do jovem assassinado e lhe fazer a última despedida, mas, sobretudo, para realizar um ato político e de repúdio às violências sofridas durante o movimento paredista. Martinez era a primeira vítima fatal da repressão que a polícia empreendeu contra os grevistas. No dia seguinte, mais duas pessoas morreriam nos confrontos: Eduarda Bindo, uma garota de 08 anos, atingida na cabeça, num episódio no bairro da Barra Funda e Nicola Salerno, pedreiro de 28 anos, baleado na Rua Augusta. Não existem registros fotográficos realizados (ou talvez se perderam ao longo do tempo) dessas outras mortes.

Também não há fotografias do velório de Martinez, propriamente dito, com o caixão aberto e seu corpo exposto. Não sabemos se foram realizadas e perdidas com o passar do tempo, ou se realmente esse momento do funeral não foi registrado. É possível também, por conta da repressão, que esses registros tenham sido destruídos. Essa “falta” da imagem do corpo de Martinez pode causar uma falsa percepção da realidade dando a impressão de que o

“morto não existiu”, ou como discorda Boris Kossoy em seu livro “Fotografia e História” (2001), de se acreditar (como prova irrefutável) se existe registro fotográfico, existe o fato. Interessante salientar, que, de forma geral, a crença na verdade está ligada à objetividade positivista da fotografia. Essa realidade é criada apenas do ponto de vista iconográfico (o registro fotográfico propriamente dito). No entanto, dentro da construção imagética, pode haver outras realidades subjacentes, silenciadas e escondidas; isto é, não é pelo motivo de não existirem as imagens que o fato não aconteceu.

### *O cortejo*



**Figura 5 – O caixão de Martinez sendo carregado**  
Fonte: Jornal a Plebe (25/08/1917) Ano I - Ed Nº 11, p. 4

As notícias dos jornais davam conta de que o cortejo fúnebre de Martinez iniciou com cerca de duas mil pessoas. A fotografia captura uma parte dessa multidão. Nela percebe-se muitos homens com seus chapéus e vestimentas típicas da década de 1910 e uma mulher no canto inferior direito segurando o que parecia ser um ramallete de flores. Apenas um dos presentes segura um guarda-chuva. Os noticiários diziam ser aquele um dia frio e chuvoso na cidade de São Paulo.

Alguns desses homens prestam-se a segurar o caixão em seus ombros (ao invés de utilizarem suas alças) naquela que era a marcha rumo ao cemitério do Araçá. Às 09h, conforme combinado pelos organizadores, o séquito saiu da Rua Caetano Pinto e foi em direção à Av. Rangel Pestana, passando pela Ladeira do Carmo, a Rua do Carmo, a Rua Benjamin Constant, pelo Largo da Sé e a Rua Quinze de Novembro. Seu cortejo não teve carros,

mas sim, companheiros que se revezavam para carregar o seu caixão, atravessando a cidade. Era um “cortejo-protesto”.

Neste momento da caminhada, o fotógrafo faz um registro em uma perspectiva acima dos presentes. A fotografia foi feita em alguma sacada das residências daquela rua, através do que parece ser a beirada dessa edificação bem no canto esquerdo da imagem. Mais uma vez é notória a atenção que os presentes dispensam à câmera que registrou a foto, eternizada nos jornais da época. Um deles, bem ao centro da fotografia, levanta o seu chapéu como num gesto de aceno ao fotógrafo. A cena indica a movimentação do cortejo. Há um homem, à frente do caixão, de terno e chapéu escuros, que se posiciona como que a orientar o cortejo. Poderia ser um parente do jovem sapateiro espanhol? Um amigo? Impossível saber. Culturalmente, os parentes e amigos mais próximos do falecido são os que ficam junto ao féretro. Na parte superior da fotografia (o que seria na parte detrás do caixão), verifica-se alguns homens conversando entre si e outros com seus rostos voltados para o lado esquerdo da fotografia, de modo que parecessem estar prestando atenção em algo que não fosse àquela comitiva. O que poderia estar acontecendo de mais importante? Algo ocorreu e não foi registrado pela câmera fotográfica? Também não será possível saber.



**Figura 6 – O cortejo fúnebre**  
Fonte: Jornal a Plebe (28/07/1917) Ano I - Ed Nº 7, p. 4

No canto superior esquerdo da imagem (continuando a análise da Figura 5), nota-se a presença de alguns soldados da Força Pública. A polícia acompanhou o cortejo até o cemitério. Não estavam desempenhando o papel protetivo da população e sim, tentando coibir manifestações mais

calorosas e impedindo que passassem por determinados caminhos da região central de São Paulo. O corpo sem vida do jovem operário Martinez é levado pela multidão. Naquele momento, aquele corpo se tornava o lema, a bandeira daquela luta.

A morte também costuma denunciar as classes sociais. Entre o Cemitério do Araçá e o da Consolação, Martinez não teve outra escolha: sua condição de imigrante pobre e operário permitia-lhe ter como última morada a Quadra Geral do Cemitério do Araçá.

No Cemitério da Consolação era onde sepultavam as pessoas de classe mais abastada. O Comitê de Defesa Proletária fez uma arrecadação em prol da família de José Martinez para auxiliar nos custos do enterro. No jornal operário “A Plebe”, de julho de 1917, foram divulgados os balanços das arrecadações que não só favoreceram o sepultamento do jovem espanhol, como também, dos outros dois mortos oficiais da Greve Geral (a menina Eduarda e o pedreiro Nicola Salerno), ambos também sepultados no Araçá. O Comitê arrecadou dinheiro durante todo o movimento grevista para auxiliar seus companheiros, inclusive para as custas processuais nos pedidos de habeas corpus de operários que se encontravam presos.



**Figura 7 – Mais um aspecto do cortejo fúnebre**  
Fonte: Jornal a Plebe (18/08/1917) Ano I - Ed Nº 10, p. 4

No canto superior esquerdo da imagem (continuando a análise da Figura 5), nota-se a presença de alguns soldados da Força Pública. A polícia acompanhou o cortejo até o cemitério. Não estavam desempenhando o papel protetivo da população e sim, tentando coibir manifestações mais calorosas e impedindo que passassem por

determinados caminhos da região central de São Paulo. O corpo sem vida do jovem operário Martinez é levado pela multidão. Naquele momento, aquele corpo se tornava o lema, a bandeira daquela luta.

As fotografias (Figuras 6 e 7) capturaram mais instantes do cortejo fúnebre que atravessou as ruas centrais de São Paulo e conseguiu transmitir a grande comoção causada na população. Estas fotos foram veiculadas no Jornal “A Plebe”<sup>7</sup>, periódico operário de orientação anarquista que cobriu amplamente os acontecimentos da Greve Geral de 1917. Por se tratarem de fotos impressas em jornal, não há nitidez na imagem, diferente das que eram publicadas nas revistas.

Na “Figura 6” verifica-se a multidão que continua em marcha em direção ao Cemitério do Araçá. Não há menção da rua em que se encontravam. Sob seus pés, os trilhos dos bondes que, àquela altura, já não mais trafegavam pelas ruas de São Paulo. No canto superior direito da foto, há um grupo de pessoas enfileiradas observando a passagem do cortejo. Em meio às pessoas, é possível notar a presença de mais soldados da Força Pública. Percebe-se, também, alguns participantes com guarda-chuvas e uma mulher, bem ao centro da foto, que caminha à frente do caixão, segurando as bandeiras. Diante dela, está uma pessoa carregando uma coroa de flores. A imagem do esquife de Martinez, sendo levado nos ombros de seus companheiros, se sobressai à composição fotográfica. Há uma polissemia inscrita nesta imagem: o estandarte anarquista e o símbolo de luta que o corpo de Martinez representou na Greve Geral, ou seja, as “bandeiras” do movimento operário. O “visível fotográfico” denominado por Kossoy (2001, p.156) nos mostra essa composição de sentidos à medida que identificamos, na fotografia, as bandeiras anarquistas (símbolos da luta política) sendo carregadas à frente do caixão, e a “bandeira” da luta grevista que se transformou o caixão sendo conduzido pelas ruas.

A “Figura 7” causa a impressão de que o cortejo vem se aproximando (tendo em vista a movimentação que a imagem reproduz). Também não há menção, na publicação da fotografia, em que parte da cidade se encontravam. Possivelmente esta foto também fora realizada em uma perspectiva

acima dos transeuntes. Na parte mais frontal da imagem, percebe-se alguns homens e crianças olhando para a câmera. Sob seus pés, os paralelepípedos da rua e o trilho dos bondes. Seguindo a linha visual desenhada pelo caminho que o caixão está sendo conduzido, nota-se, à frente, mais uma vez, as bandeiras anarquistas e as coroas de flores.



**Figura 8 – O “cortejo-protesto”**

Fonte: Revista “A Cigarra (26/07/1917) Ano IV - Ed Nº 04, p.12

A “Figura 8” continua contando a história dessa caminhada e de algumas paradas estratégicas que foram realizadas para que oradores pudessem fazer seus discursos. O jornal “Correio Paulistano”, de 12 de julho de 1917, conta que o cortejo parou nas imediações do “Progredior” (um importante restaurante e café, localizado na Rua XV de Novembro, região central paulista), momento em que os manifestantes colocaram o caixão de Martinez no chão, indo uma comissão exigir do Delegado Geral da Polícia, o Sr. Thyrso Martins, a soltura do operário e anarquista Antonio Nalepinski, que se encontrava preso, por conta da greve, no prédio da Polícia Central, localizado nas proximidades da Rua XV de Novembro. Aos gritos de “Libertem Nalepinski!”, os companheiros de luta e luto fizeram suas exigências.

A foto mostra, numa perspectiva acima da multidão, uma dessas paradas do “cortejo-protesto”. Nesta reprodução fotográfica, verifica-se que possivelmente o caixão (tendo em vista as flores identificadas) encontra-se bem ao centro da imagem, ao que parece estar no chão, cercado pelos estandartes. A grande maioria das pessoas presentes levantam seus rostos para olharem para a câmera.

Pelas laterais, mais ao fundo e na parte da frente da foto, observa-se a presença dos soldados da Força Pública. Um desses soldados, inclusive, que aparece quase no canto inferior esquerdo da fotografia, olha para a lente com um semblante sisudo. A fotografia, talvez, tenha capturado a simbologia da repressão contra a questão da luta social<sup>8</sup>.

O cenário impresso em uma foto, como já discutido neste trabalho, não esgota as suas representações e seus significados na simples imagem retida no papel fotográfico. Em uma captura fotográfica estão contidas informações subjacentes, referentes ao contexto histórico, aos costumes, às problemáticas sociais, às questões políticas, etc. de uma época, ou seja, “um inventário de informações” sobre um determinado momento passado (Kossoy, 2001, p. 47) e que permanecem intrínsecas, submergindo, somente, através da leitura que é possível extrair dela.

Assim, permanecendo na ideia da leitura da imagem, sabe-se que, a essa altura do movimento, o mártir da Grande Greve já reunia cerca de 50 mil operários numa cidade de 400 mil habitantes (Biondi, 2009). São Paulo estava tomada pelos manifestantes. Os estabelecimentos com suas portas fechadas, os bondes parados, o fornecimento de gás e energia elétrica interrompidos. A cidade pertencia – naquele instante - aos trabalhadores e às trabalhadoras, e não apenas à elite que os explorava. Continuaram seu cortejo pelo Viaduto do Chá, pela Rua Xavier de Toledo, Rua da Consolação e a Avenida Municipal (hoje Avenida Dr. Arnaldo), onde o cemitério se localiza. Depois de percorrerem cerca de cinco quilômetros (desde a saída do cortejo da Rua Caetano Pinto), por volta das 15h o corpo de José Martinez, finalmente, é sepultado na Quadra Geral nº 139, na sepultura nº 172 do Cemitério do Araçá.

Não há registros fotográficos desse momento, mas é sabido pelos noticiários dos periódicos, de que mais discursos de seus companheiros de luta foram proferidos ao pé de sua sepultura.

## O legado da imagem de Martinez

*Toda fotografia tem atrás de si uma história*  
(KOSSOY, Boris - *Fotografia e História*)

A sequência de fotos apresentadas (Figuras 9 e 10), mostram a quadra do Cemitério do Araçá nos dias atuais.

A “Figura 9” revela onde se encontra a lápide de José Martinez que faz homenagem ao mártir da Greve de 1917. Entre o seu sepultamento e a colocação desta placa, transcorreram cem anos<sup>9</sup>. Esta placa foi colocada durante as comemorações do Centenário da Greve Geral de 1917, num ato promovido pela Central Única dos Trabalhadores (CUT-SP). Anterior ao ano de 2017, não havia qualquer identificação de onde se encontrava a sepultura de José Ineguez Martinez. Por meio de informações de diversas fontes (sobretudo jornais), colhidas em estudos realizados por historiadores como Edilene Toledo (2018) e Luigi Biondi (2018), Christina Lopreato (1996) e José Luiz Del Roio (2017), é que foi possível saber qual o cemitério e quadra em que ele havia sido sepultado. Não há registros fotográficos do túmulo de 1917, na Quadra Geral nº 139.

Esta lápide se encontra na Quadra nº 132x do cemitério. Ao fundo da fotografia, é possível identificar a condição dos túmulos que fazem parte deste terreno e, pelo que é visível, essas campas encontram-se muito danificadas (sem registros das inumações e destroçadas pela ação do tempo). A lápide, registrada na foto, mostra em seus dizeres que foi colocada em honra a José Martinez e homenageia, da mesma forma, todas as outras pessoas que fizeram parte da Greve Geral de 1917. Num lugar em que a cena de devastação é testemunhada, a lápide do mártir da Greve Geral demarca e simboliza a luta pela sobrevivência - dado o movimento grevista por melhores condições de vida - e a morte, provocada pela repressão policial a esta luta, silenciando as vozes que se insurgiram contra a exploração da classe trabalhadora no início do século XX.

A “Figura 10” mostra, de uma outra perspectiva da necrópole (a parte detrás de onde está instalada a lápide), a Quadra de número 132x<sup>10</sup>. Pode-se observar o aspecto de abandono em relação às outras quadras.

Constata-se, pela leitura da imagem, que um local de importância histórica e social está abandonado ao descaso, deixando de significar, de forma respeitosa e expressiva, aquele corpo que fora inumado ali, vítima da violência do Estado. O apagamento da memória social torna-se um projeto de poder à medida em impede a sociedade de conhecer o passado e com isso, constituir uma mentalidade crítica e consciente, a fim de evitar ou minimizar as relações de exploração. Essa observação mais atenta à fotografia e o que dela nos provoca, possibilita compreender aquilo que Walter Benjamin (1994, p. 94) trouxe ao dizer que “a natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar”.

### *A sepultura*



**Figura 9 – A lápide de Martinez no Araçá**  
Fonte: Arquivo pessoal da autora - 26/01/2018



**Figura 10 – O “Vietnã” (Quadra 132x)**  
Fonte: Arquivo pessoal da autora - 30/05/2024

## O Troféu

Em 09 de julho de 2017 foi instituída, em São Paulo, a Lei Municipal 16.634 que comemora o Dia da Luta Operária. A figura de José Martinez se converte em medalha para premiar, desde então, as pessoas que se destacaram/destacam na luta trabalhista.

Martinez se torna símbolo mais uma vez, agora na forma de um busto que reconfigura seu retrato (Figura 11) em imagem tridimensional, confeccionado em ferro fundido. A tridimensionalidade extraída da imagem da fotografia é como se fosse a materialização dessa própria fotografia, criando textura e forma, aguçando mais os sentidos do expectador. A imagem produzida por esse “medium” parece que ganha muitos outros significados do que simplesmente o olhar para o papel fotográfico em que está reproduzido o retrato. Este mesmo retrato - por meio de uma nova configuração - torna-se objeto tátil, assim como na cultura da Grécia Antiga que se recorria “à máscaras, às efígies ou aos crânios enfeitados evocadores da pessoa falecida” (Belting, 2005, p. 65).

A representação simbólica de um troféu é, por natureza, uma representação de enobrecimento. Receber um troféu significa ter atingido o nível de excelência por algo realizado. José Martinez agora transmuta sua importância (da luta trabalhista, do movimento social, da resistência à exploração da classe trabalhadora) ao objeto e premia os que concorreram ou que concorrem para que seu legado permaneça. O objeto (troféu) é o significante que tal como uma estátua, uma fotografia, uma obra de arte ou uma placa comemorativa emitem seu significado. Para que se possa evidenciar a memória de fatos e pessoas, é necessário esse intermédio que é o objeto que “faz lembrar”, possibilitando fazer a composição imagética de uma sociedade, de um período, de um fato.

(...) Sob o efeito dos deslocamentos de poder, como os que estão hoje iminentes, aperfeiçoar e tornar mais exato o processo de captar traços fisionômicos pode converter-se numa necessidade vital. Quer sejamos de direita ou de esquerda, temos que nos habituar a ser vistos, venhamos de onde viermos(...). (Benjamin, 1994, pg 103)



**Figura 11 – O busto de Martinez**

Fonte: Sindicato dos Metalúrgicos

## Considerações finais

Como afirmou Boris Kossoy (2001, p. 50) “toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural”. Com isso, ratifica-se essa afirmação, após as análises das imagens neste artigo, dizendo que a fotografia tem sua origem por meio do desejo não somente de um indivíduo, mas de um grupo, de uma classe que necessita transmitir ou construir situações, deixando impressões para quem as observa, como se pudesse (e por vezes, até consegue) reescrever a história a seu bel prazer com objetivo único de esconder fatos e constituir novas narrativas. As relações de disputas políticas podem ser criadas através das imagens de um tempo, de uma sociedade, de pessoas, etc. Em síntese: há sempre intencionalidades num registro iconográfico.

Por meio das “leituras atentas” que é possível realizar, emergem as imagens que estão subjacentes e que são traduzidas pelos diversos entendimentos e conhecimentos de mundo, experiências e experimentações. As imagens são compostas através dos sentidos dos seres humanos. É possível, contudo, conhecer outras culturas, compreender a própria cultura, descortinar intenções, e vislumbrar os agenciamentos dos retratados.

Através da análise das imagens da Greve Geral de 1917, percorrendo o que a morte de um jovem operário significou, viabilizou-se compreender fatos e utilizar a linguagem visual como ferramenta de interpretação e o fazer historiográfico.

## Notas

- 1 Técnica conhecida também por meio-tom ou autotipia. Os tons de cinza da fotografia eram um gradiente de pequenos pontos quase imperceptíveis a olho nu. Depois de impressos em papel, a ilusão de ótica que se tinha fazia com que esses pontos se fundissem e parecessem a cor cinza em vários tons. Quanto maior os pontos, mais escuro o cinza.
- 2 Para conhecer sobre a Capela da Ordem Terceira do Carmo, ver trabalho de MURAYAMA, 2009.
- 3 Para conhecer sobre a linha editorial da revista, ver trabalho de BAIOCATO, 2012.
- 4 Na publicação de 26 de julho de 1917, intitulada “A Gréve Geral em S. Paulo” na revista “A Cigarra”, a legenda faz questão de realçar o fato das bandeiras serem vermelhas, associadas aos anarquistas.
- 5 Não há precisão em identificar as cores por conta da monocromia da reprodução fotográfica. Sobre as fotografias coloridas: o primeiro filme colorido moderno, o Kodachrome, foi introduzido somente em 1935.
- 6 Vide Filmografia “Funerais do Comendador Nami Jafet (1924)”
- 7 Para compreender sobre a ideologia do Jornal “A Plebe”, vide trabalho de GONÇALVES, 2008.
- 8 Na Primeira República (1889-1930), a questão social era tratada através da repressão policial ao invés do implemento de políticas públicas. As greves, sobretudo a Greve Geral de 1917, foram duramente reprimidas pela polícia com aval do Governo do Estado e dos industriais.
- 9 Em relação à data de sepultamento, há divergências de informações, sendo que alguns jornais trazem a data de enterramento no dia 10 de julho de 1917, outros no dia 11 de julho de 1917, porém, em pesquisas realizadas no livro de enterramento do cemitério do Araçá, disponível no site Family Search, a data oficial consta como 12 de julho de 1917. As inscrições na lápide constam como a data de sepultamento, o dia 10 de julho de 1917.
- 10 Em uma visita “in loco” ao Cemitério do Araçá, em 2024, passados 107 anos do enterro de José Martinez, suscitou-se a curiosidade em saber mais sobre essa quadra. A administração do cemitério informou que a mesma é conhecida pelos funcionários como “Vietnã” (visto à configuração de devastação, lembrando um campo de guerra), sendo

ela centenária e que foi utilizada para enterrar os ossos exumados da Quadra Geral nº 139 (onde fora sepultado Martinez em 1917).

## Referências

- ACORSI, André Reinaldo; BONI, Paulo César. A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB*, 2006.
- APESP. Memória Urbana. **A grande São Paulo até 1940**. V. 2. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.
- BELTING, Hans. **Por uma antropologia da imagem**. Revista Concinnitas, v. 2, n. 8, p. 64-78, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. **Discursos interrompidos I**, p. 61-83, 1994.
- BIONDI, Luigi. A Greve Geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas. **Cadernos AEL**, v.15, n.27, p.263-306, 2009.
- BIONDI, Luigi; TOLEDO, Edilene. **Uma Revolta Urbana: a greve geral de 1917 em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.
- DEL ROIO, José Luiz. **A greve de 1917: os trabalhadores entram em cena**. São Paulo: Alameda, 2017.
- GEERTZ Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 2008
- GONÇALVES, Aracely Mehl; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. A educação nas folhas do jornal “A Plebe”: 1917-1919. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, v. 16, n. 2, pg. 361, 2008.

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917**. 1996. 273 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1996.

MURAYAMA, Eduardo Tsutomu. A Capela de Santa Teresa da Venerável Ordem Terceira do Carmo da cidade de São Paulo e o resgate da pintura do padre Jesuíno do Monte Carmelo. **Encontro da associação nacional de pesquisadores em artes plásticas transversalidades nas artes visuais**, v. 18, p. 1743-1755, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. **Sociologia & Antropologia**, v. 4, p. 391-431, 2014.

TOLEDO, Edilene. Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 30, p. 497-518, 2017.

Os Nossos Mortos. **Jornal “A Plebe”**, São Paulo, 21 jul. de 1917. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/server/api/core/bitstreams/fd5d1677-ca0c-4147-83f7-589ede8882f9/content>. Acesso em: 31 jun. de 2024.

O Operário. **Jornal “A Plebe”**, 28 jul. de 1917. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/server/api/core/bitstreams/97def32f-1a95-45c0-a8d6-e2dedee61e25/content>. Acesso em: 31 jun. de 2024.

Reminiscências da Greve. **Jornal “A Plebe”**, 18 ago. de 1917. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/plebe/pdf/1917/10.pdf>. Acesso em: 31 jun. de 2024.

A Greve Geral em S. Paulo. **Revista “A Cigarra”**, 26 jul. 1917. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/server/api/core/bitstreams/37a12a40-4396-4df1-9c8e-94ecfe126d57/content>. Acesso em: 31 jun. de 2024.

A Greve Geral de 1917. **Biblioteca Terra Livre**: Disponível em: <https://bibliotecaterralivre.noblogs.org/editora/a-greve-geral-de-1917/>. Acesso em: 31 jun de 2024

Dia da Luta Operária, 9 de julho, celebra ativistas, lutas e conquistas. **Sindicato dos Metalúrgicos**: Disponível em: <https://metalurgicos.org.br/noticias/dia-da-luta-operaria-9-de-julho-celebra-ativistas/>. Acesso em: 31 jun.de 2024.

História do Cinema Brasileiro. **Funerais do Comendador Nami Jafet (1924) – Filme Completo**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pD5T3rk3CKQ>. Acesso em: 06 jun. de 2024.